

**MENOCCHIO OU DOMENICO SCANDELLAE BENTO TEIXEIRA: DOIS HOMENS “CALADOS” E PERSEGUIDOS PELA SANTA INQUISIÇÃO NO SÉCULO XVI**

Adriana de Araújo dos Santos<sup>1</sup>  
Hiran de Moura Possas<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse artigo tem como principal objetivo apresentar e discutir sobre as figuras irreverentes, polêmicas, intelectuais e rebeldes vivenciados no sec. XVI: o poeta Bento Teixeira e Domenico Scandella, conhecido por Menocchio. Os dois apresentam uma face pouco explorada pelos pesquisadores, homens que não se conheciam, mas enfrentavam praticamente os mesmos problemas com a Igreja, em lugares diferentes. Trata-se ainda, de uma oportunidade para discutir sobre o poder que a Igreja Católica exercia na época na qual defendia que, a salvação é dada em Cristo "unicamente pela graça" e aceita "somente pela fé".

**Palavras chaves:** Bento Teixeira; Menocchio ou Domenico Scandella; inquisição.

**MENOCCHIO OR DOMENICO SCANDELLA AND BENTO TEIXEIRA: TWO MEN "SILENT" AND TARGETED BY THE INQUISITION SANTA CENTURY XVI**

**Abstract:** This article aims to present and discuss the figures irreverent, controversial, intellectuals and rebel experienced in sec. XVI: the poet Bento Teixeira and Domenico Scandella, known as Menocchio. The two have a face little explored by the researchers, men who did not know, but faced about the same problems with the Church, in different places. It is also an opportunity to discuss the power that the Catholic Church exercised at the time at which held that salvation is given in Christ "by grace alone" and accepted "by faith alone".

**Keywords:** Bento Teixeira; Menocchio and Domenico Scandella; inquisition.

*Viver sem filosofar é o que se chama ter os olhos fechados sem nunca os haver tentado abrir.*

*René Descartes*

---

<sup>1</sup> Discente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - adrianasantosmba@hotmail.com.

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – FECAMPO – hiranpp@hotmail.com.

## **Princípio...**

No início do século XVI, a Igreja atravessava um período delicado. A venda de cargos eclesiásticos e de indulgências e o enfraquecimento das influências papais pelo prestígio crescente dos soberanos europeus, que muitas vezes influenciavam diretamente nas decisões da Igreja, oferecendo um ambiente oportuno a um movimento reformista.

Neste caso, não podemos deixar de citar aqui brevemente sobre O monge alemão Martinho Lutero, um dos primeiros a contestar fortemente os dogmas da Igreja Católica. Afixou na porta da Igreja de Wittenberg as 95 teses criticando vários pontos da doutrina católica. Martinho Lutero foi convocado pela igreja a desmentir suas 95 teses, no entanto em abril de 1521, ele não só as defendeu, como mostrou a necessidade da reforma da Igreja Católica. Eis algumas delas:

- Tese 21 - Estão errados os que pregam as indulgências e afirmam ao próximo que, ele será liberto e salvo de todo castigo dos pecados cometidos, mediante indulgência do papa.
- Tese 36 - Todo cristão que se arrepende verdadeiramente dos seus pecados e sente pesar por ter pecado tem total perdão dos pecados e conseqüentemente de suas dívidas, mesmo sem a carta de indulgência.
- Tese 43 - Deve-se ensinar aos cristãos que aquele que dá aos pobres ou empresta a quem necessita age melhor do que se comprassem indulgências.

A Igreja Católica a fim de demonstrar seu poder político e também levando em conta a crença da salvação das almas dos hereges, instalou a Santa Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício. As pessoas acusadas de heresias eram interrogadas por membros do clero, podendo ser torturadas ou queimadas nas fogueiras. A Santa Inquisição foi estabelecida por dois principais motivos: primeiro, a efetivação do poder político católico (as pessoas que questionassem a fé católica eram consideradas hereges) e segundo, os católicos acreditavam estar libertando as almas dos hereges, portanto, o corpo pereceria, mas a alma, considerada eterna, estaria salva. Com essas justificativas, os católicos torturaram e mataram um grande número de pessoas.

Apesar de todos esses fatores, não podemos deixar de observar a crise religiosa do século XVI. Nessa época, iniciava-se a sombra da Peste Negra e da Guerra dos Cem Anos, o que deixou a população europeia assombrada diante do medo da morte, e pela

possibilidade de não alcançar a salvação. Neste contexto, o perdão dos pecados passava a ser cada vez mais necessário, para a vida dos cristãos da Europa. Sendo assim, houve fatores que agravaram a crise da Igreja, como o fortalecimento das ideias Renascentistas colocando o homem com centro de tudo. Outro importante fator de questionamentos foi a maior divulgação da Bíblia com o advento da Imprensa, o que possibilitou o conhecimento do livro sagrado por um número cada vez maior de pessoas, na Europa.

### **Bento Teixeira**

É um dos personagens mais importantes da história do barroco no Brasil. Cristão-novo casado com Filipa Raposa, cristã-velha. O romance *Os Rios Turvos* (1993), livro estruturado em 23 capítulos, Luzilá transcreve a confissão de Bento Teixeira perante o tribunal da Santa Inquisição (prova de que o personagem teve existência real). Essa obra faz referência também à vida de Bento Teixeira e sua esposa Filipa Raposa, metaforizando a triste trajetória vivida pelo casal. E será esse um dos principais objetos de estudo, para relatar vida e obra de Bento.

Bento vem de Lisboa com sua família fugindo da inquisição. Chega ao Brasil com os pais, cristãos-novos, nasceu em 1565(?) no Porto, Portugal. Morreu em data incerta. Existem poucas e confusas informações sobre sua vida, sabe-se que estudou em colégios jesuítas. Tentou seguir a carreira eclesiástica, mas desistiu e casou-se com Filipa Raposa esposa infiel e uma de seus possíveis delatores.

Foi também um dos primeiros professores e intelectuais rebeldes que viveu no Brasil colonial. Foi um dos primeiros professores não eclesiástico a ministrar aulas de latim, matemática, filosofia, época em que os educadores estavam também vigiados pelos olhos atentos da censura inquisitorial. A Igreja exercia seu poder de controlar corpo, espírito e escola. Igreja e Estado se confundiam, vigiavam e puniam.

O pensamento crítico e insubordinado do poeta e professor Bento Teixeira pode ser recuperado, tanto em sua obra *Prosopopeia*. Divulgada somente após sua morte, como nos registros do Processo Inquisitorial, no qual ele participou como réu do Santo Ofício.

Nessa obra *Prosopopeia*, poema de 94 estrofes, o escritor fala sobre a vida e o trabalho de Jorge de Albuquerque Coelho, terceiro donatário da Capitania de

Pernambuco, e seu irmão, Duarte com o intuito de exaltá-lo e telo como amigo pois temia, o que veio a ser real que foi o processo de inquisição.

Em relação às críticas feitas na prosopopeia, podemos destacar alguns versos e comentá-los.

Nestes versos da estrofe XXV, o autor questiona em torno da cultura e da educação no Brasil:

A fama dos antigos cõa moderna  
Fica perdendo o preço sublimado  
A façanha cruel, que a turva Lerna  
Espanta com estrondoso d'arco armado (TEIXEIRA, 1873)

A II estrofe fala de uma suposta mensagem judaica renegando a fé cristã:

As Déléficas irmãs chamar não quero  
Que tal invocação é vão estudo  
Aquele chamo só, de quem espero  
A vida que se espera em fim de tudo  
Ele fará meu verso tão sincero  
Quanto fora ele tosco e rudo  
Que per razão negar não deve o menos  
Quem deu o mais míseros terrenos. (Teixeira, 1873)

Ele acreditava que todos os seus alunos deveriam ter acesso aos livros proibidos e obscenos e ter acesso também à Bíblia traduzida do latim para o português. Lembrando aqui que, esta era uma atitude proibida pela Igreja. Na época inquisitorial, muitos estudantes foram torturados e queimados por lerem e traduzirem a Bíblia.

Ao analisar o Processo de número 5.206, retirado do livro do historiador Luiz Roberto (1983, p.157) Bento declarava que: “Diz o sábio rei da Palestina que todos os rios nascem no mar, e a ele voltam”. Ao ser interpelado sobre seu possível judaísmo, nega, observando que “Os sacramentos da santa madre igreja, compreendo eu, duas vezes, e outras, persuadindo a meus discípulos a fazer sempre o mesmo”. Aqui, percebemos que ele zomba dos dogmas e dos representantes da igreja, assim como da virgindade de Maria. O que perturbava os inquisidores era o fato dele fazer constantes críticas ao catolicismo e referia-se com desprezo ao Papa e aos Cardeais tornando-se alvo predileto da inquisição e dos mesmos.

Segundo Luís Roberto Alves (1983, p. 51), estas seriam as principais heresias que pesavam sobre Bento Teixeira:

- a) Não gostava de dar aulas aos sábados;
- b) Jurara pelas partes vergonhosas da virgem;

- c) Não era muito misseiro;
- d) Dizia que pouco ou nada adiantava a confissão;
- e) Traduziu algumas partes da bíblia do latim para o português;
- f) Lia o livro proibido Diana de Jorge de Montemór;
- g) Considerava não só a igreja como um lugar santo, mas todo lar de pessoas honestas;
- h) Não respeitava nem o padre nem os principais santos da Igreja Católica.

Foi denunciado como judaizante por seis cristãos-novos e seis cristãos velhos. A maioria relatou fatos apenas por “ouvir dizer”, sem apresentar provas concretas.

Em agosto de 1595, recebe ordem de prisão e ele mesmo, exibindo seus conhecimentos, preparou os documentos de sua defesa. É preso, torturado e por fim, perante os inquisidores acaba reconhecendo sua culpa sendo condenado e enviado a Lisboa onde acaba morrendo de tuberculose em 1600. É interessante ressaltar que, mesmo com o peso de ter matado sua esposa essa pena não foi considerada e foi acusado apenas por ser judeu e um mal cristão. Bento Teixeira desafiou o sistema e pagou com a vida por isso.

### **Menocchio ou Domenico Scandella**

Tais atitudes se comparam com o personagem também real, desenhado por Carlo Ginzburg (1996, p. 31) No primeiro capítulo é apresentado o personagem principal da história, sua vida e o local em que viveu:

Chamava-se Domenico Scandella, conhecido por Menocchio. Nasceria em 1532 (quando do primeiro processo declarou ter 52 anos), em Montereale, uma pequena aldeia nas colinas do Friuli, a 25 quilômetros de Pordenone, bem protegida pelas montanhas. Viveu sempre ali, exceto dois anos de desterro após uma briga. Era casado e tinha sete filhos; outros quatro haviam morrido. Declarou ao Santo Ofício que exercia as atividades de moleiro, vestindo-se de branco com capuz e capa de lã.

A personagem resgatada nos processos inquisitoriais é um camponês tão pouco comum. Moleiro de profissão e respeitado na comunidade, autodidata e alfabetizado. Tinha uma vida normal, como cidadão de Montereale dedicado às suas atividades de sustento e a família, até ser chamado ao Tribunal do Santo Ofício. Ele foi acusado de herege por disseminar, principalmente, sua singularíssima cosmologia:

Eu disse que segundo meu pensamento e crença tudo era um caos, isto é, terra, ar, água e fogo juntos, e todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos. A santíssima majestade quis que aquilo fosse Deus e os anjos, e entre todos aqueles anjos estava Deus, ele também criado daquela mesma massa, naquele mesmo momento, e foi feito com quatro capitães: Lúcifer, Miguel, Gabriel e Rafael. (GINZBURG, 1996, p.40)

Além desta ideia, ele disseminava: a equivalência de todas as fés; a descrença na virgindade de Maria, assim como na crucificação de Cristo, na adoração de imagens, nos Evangelhos e no inferno. Também, denunciava a riqueza da Igreja e o uso do latim. Dizia que os sacramentos eram apenas “mercadorias”.

O moleiro era bastante conhecido na cidade e costuma já há muito tempo blasfemar durante conversas informais. Todos escutavam aquilo e não levavam em consideração pelo fato de ele ser considerado uma “boa pessoa”.

Em suas conversas, Menocchio sempre dizia ter vontade de falar a um rei, papa ou príncipe tudo o que achava que estava errado na religião e esta foi a sua chance. Criticou a igreja, a missa em latim, a santíssima trindade, os evangelhos, o poder da igreja, e apresentou aos inquisidores sua teoria de criação do mundo. “gostaria de dizer quatro palavras do *Pasternoster* diante do inquisidor, e ver o que ele diria e responderia.” (GINZBURG, 1996, p.160).

Os inquisidores questionavam o réu a delatar os nomes das pessoas que haviam contribuído para a formulação de ideias tão divergentes das correntes vigentes. Parecia improvável que um simples moleiro formula-se teses tão aprofundadas e polêmicas sem o auxílio de outras pessoas. No entanto, Menocchio afirmou que seus pensamentos faziam parte da sua mente, e que estava pensando coagido pelo diabo. Com o aprofundamento do processo verificou-se que ele pregava suas doutrinas segundo várias leituras de livros, alguns até proibidos pela Inquisição, às vezes mal interpretados, e muitas vezes distorcendo o sentido das histórias descritas nestas obras, o réu misturava as fontes orais com suas leituras. Isso ocasionou opiniões heterogêneas das que eram comuns no período. Aqui, citamos algumas obras lidas pelo protagonista: A Bíblia em vulgar, *Il Fioretto della bíblia*, *Il Lucidario della Madona*, *Il cavallir Zuanne de Mandaville*, *Decameron*, de Boccaccio, entre outras obras identificadas pelo autor. A Igreja católica, nesse período, combatia em duas frentes: contra a cultura erudita velha e nova, irredutível aos esquemas contra-reformísticos e contra a cultura popular.

Apesar de ler os livros, parece que Menocchio se valia apenas do que lhe dizia respeito, ou seja, suas leituras eram deformadas, mas de forma inconsciente. O autor

acredita que o que ocorria era que o moleiro se servia de trechos de diversos livros para validar suas opiniões, já formadas pela cultura oral.

Após meses de interrogatório, Menocchio foi condenado à prisão perpétua e a usar pelo resto de sua vida uma túnica com uma cruz no peito. Ficou, então, encarcerado por três anos, até que seu filho conseguiu por meios diversos uma espécie de segunda chance para seu pai. Este poderia sair da prisão, mas jamais tirar a túnica, sair da cidade ou voltar a blasfemar.

E foi tudo o que Menocchio não fez, saiu da cidade várias vezes para trabalhar. Tirava a túnica, pois com esta não conseguia serviço, e aos poucos voltou a dizer heresias. Logo, foi novamente denunciado, torturado, julgado, condenado e desta vez executado.

Nessas idas e vindas da prisão, Menocchio intermediava sua súplica pelo perdão através de cartas escritas por ele mesmo, por medo ou simplesmente saudade da família e seu filho querido Ziannuto: “Todavia, nem mesmo o medo conseguira sufocar sua independência intelectual: imediatamente quer dizer o que pensa.” (GINZBURG, 1996, p.156).

É o que diz na (p.192): “Resistir a pressões tão fortes era impossível”, e depois de pouco tempo Menocchio foi executado. Temos certeza disso pelo depoimento de um tal Donato Seronito que, em 16 de julho de 1601, disse ao comissário do inquisidor do Friuli ter estado em Pordenone, pouco depois de haver “sido justicado pelo santo ofício [...] um certo homem chamado Marcato, ou Marco, dizia que, morto o corpo a alma também morria.”

Enfim, esta é a história de Menocchio, um homem simples de uma cidade pequena do interior da Itália, que impressionado pelo que sabia e pelo que lera, teve coragem de blasfemar contra a igreja católica durante o período Contrarreforma.

### **Para não terminar...**

Pelo que se abordou nesta pesquisa, nota-se que esses dois personagens estavam à frente do seu tempo, e para a época esses pensamentos e ideais eram motivo de repressão por aquela que se dizia detentora da razão e se dizia defender os que estavam ao seu alcance, “a igreja”. Porém, tanto Menocchio, como Bento, não se deixaram calar, sendo penalizados com suas próprias vidas e servindo de exemplo para os demais que

tenham as mesmas ideias. Como já foi dito, esses personagens pouco estudados e, quando se passa a estudá-los, percebemos histórias impressionantes falando sobre a Inquisição e o poder que a igreja exercia, sobre a cultura popular e erudita da época, e homens corajosos merecendo outros estudos.

## REFERÊNCIAS

Ribeiro, Eneida Beraldi. **Bento Teixeira: Inquisição e Sociedade Colonial**. Revista, do Instituto cultural Judaico. V.4.N1 (jan-jun),2012.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. **Os Rios Turvos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TEIXEIRA, Bento. **Prosopopeia**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1873. s/p. (edição Fac-símile).

ALVES, Luiz Roberto. **Confissão, poesia e inquisição**. São Paulo: Ática, 1983.